



A Diretoria do Sintusp solicitou ao Professor Sérgio Kodato, do Núcleo de Pesquisa de Assédio Moral e de Violência, que é docente da FFCL de Ribeirão Preto e associado do sindicato, para escrever um texto sobre o Assédio Moral neste contexto da pandemia e do Plano de Retorno Presencial da reitoria da USP. Encaminhamos abaixo o artigo escrito pelo professor Sérgio. Agradecemos a ele pelo apoio e disponibilidade!

### **Diretoria colegiada do Sintusp**

## **Retorno Gradual? Assédio Moral Coletivo e Banalização da Morte na USP?**

*Professor Sérgio Kodato\* e Núcleo de Pesquisa de Assédio Moral e de Violência de Ribeirão Preto.*

Para concretizar o “Plano USP para o retorno gradual das atividades presenciais”, os diretores e chefes, dos diversos setores e departamentos da USP, têm pressionado e insistido com os funcionários subalternos sobre a “importância” do retorno, para uma “USP que não pode parar” (?) Essas estratégias de convencimento são velhas e autoritariamente conhecidas e funcionam com os funcionários “amedrontados, inseguros, fragilizados”. Mas



uma pergunta que não quer calar: isso não seria Assédio Moral Coletivo e Banalização da Morte na USP?

Configura-se o assédio moral coletivo quando ele é praticado de forma sincronizada e orquestrada pelos vários dirigentes e gestores da USP, incluindo chefes de departamento e diretores de unidades, no sentido de forçar a volta. O assédio moral pode se dar de forma sutil, aquele tapinha nas costas, mostrando o quanto você é “essencial e imprescindível presencialmente” para uma “universidade de qualidade”, ou aquela cara feia do chefe, indicando: “você me paga e vai comer aquele pão amassado, sabe por quem?”...

Mas por que querem o retorno gradual? Esses trabalhadores de vários segmentos, que estão muito bem no *home office*, vão ser expostos ao risco de contaminação e morte, assim como seus familiares, a troco de que? Política? Pressão política para fazer de conta que a “USP que nunca parou e vai voltar na vanguarda”... Vanguarda da segunda onda? Como o ensino presencial só volta o ano que vem e os laboratórios não estão a pleno vapor, o mais recomendável seria deixar o retorno para quando a segurança sanitária ou a vacina permitir.

Torna-se uma estratégia cada vez mais frequente dentro dos ambientes *uspianos*, a prática de criar dificuldades, punições, castigos junto aos subalternos “desobedientes, revoltados, que não se dobram” e favores, bonificações, facilitações, promoções para os empregados que rezam a cartilha da empresa... O famoso e maquiavélico: “aos amigos tudo, aos inimigos a Lei”. Empresa? Privatização? Para que esses patamares e expectativas empresariais e políticas sejam atingidas, os funcionários serão submetidos a exposição mórbida junto com os colegas, numa dança macabra com a morte?

Esse assédio moral coletivo, praticado pelo sistema USP, tem sido a causa para alguns dos problemas mais sérios de saúde do trabalhador, como



ansiedade, depressão, dores generalizadas no corpo, distúrbios psicossomáticos e estresse. Em outros casos, a relação de duplo vínculo, ou seja, “atendo meu instinto de sobrevivência ou os instintos assassinos da chefia?”, pode levar o funcionário a sofrer preocupantes abalos psíquicos e até mesmo físicos, influenciando na sua saúde e também na própria produtividade, dentro do seu ambiente de trabalho.

Portanto, torna-se oportuno e necessário destacar a diferença do assédio moral individual e coletivo, definindo-os separadamente: o primeiro relacionado com a exposição dos trabalhadores a situações humilhantes, constrangedoras, repetitivas e prolongadas durante a jornada de trabalho, mas sempre em razão de suas funções laborais; o segundo, aborda o ambiente coletivo, em que grupo de trabalhadores são submetidos principalmente a políticas motivacionais de ranking de qualidade e produção, as quais determinam metas para serem atingidas.

Conseqüentemente, se os funcionários não obtiverem êxito, poderão sofrer situações diversas de castigos, punições, ameaças de demissões e as próprias. Desde o início da pandemia, pode-se observar um aumento significativo nos casos de assédio moral, praticados por empregadores com intuito de não prejudicarem as metas e produtividade, muitas vezes pautados em parâmetros inatingíveis. É no bojo desta crise que a USP, aliada à pressão da pior política, impulsiona esta violência institucional e moral, disseminando e sedimentando esta prática nefasta de não dar a mínima para a saúde física, mental e vida daqueles que mantêm a infraestrutura da universidade.

Na legislação federal brasileira não há tema relacionado com o assédio moral coletivo, no entanto, há projeto de lei a ser votado proibindo “os servidores públicos de praticarem assédio moral contra seus subordinados” (art.117-A do projeto de lei federal nº 4591/2001). Sabendo que é algo coletivo, mancomunado, articulado maquiavelicamente, o funcionário não deveria se



dobrar a essa pressão e não só resistir, mas se contrapor através de uma ação coletiva. O assediador é meio covarde, por isso ele só vai para cima daqueles que estão isolados e fragilizados, os chamados bodes expiatórios, por isso não se deve ter medo de cara feia nem medo de recorrer ao sindicato que é uma possibilidade de solidariedade e assistência jurídica, de saúde, sindical e política, no sentido de nosso empoderamento para lutarmos pelos nossos direitos.

Este assunto vem despertando, na seara uspiana, muito espanto diante da insanidade, ansiedade do risco à saúde e pânico diante da morte, chamando a atenção para que isso acontece no início de uma suposta segunda onda. Por isso estamos propondo a resistência organizada a esses casos de assédio moral, de forma coletiva. Por isso, funcionário da USP, analise sua situação, a USP não vai mudar com nosso retorno, mas nossa saúde será colocada em risco? A vida e saúde é um direito fundamental do trabalhador, à luz do ordenamento jurídico brasileiro, do nosso código de ética e bom senso. Resistir é vital!

*\*O psicólogo Sérgio Kodato é professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto onde coordena o Grupo de Pesquisa: Observatório de Violência e Práticas Exemplares. É autor do livro O Brasil Fugiu da Escola.*